



“SERVIÇO ÂNCORA” NO RÉS-DO-CHÃO

Não será uma Loja do Cidadão, mas não andará muito longe: o rés-do-chão do prédio, que inclui cave e subcave, vai acolher um “serviço âncora” para a Baixa, ligado às novas tecnologias, segundo Rui Quelhas. A *Porto Vivo* estará, por estes dias, a ultimar as negociações com uma “entidade público-privada” que escolheu instalar-se naqueles três pisos, todos eles com luz natural, dado que o desnível do terreno nas traseiras do prédio permitiu prolongar a parede de vidro. O piso da entrada do rés-do-chão, também da autoria do arquitecto Manuel Lessa, foi revestido com calçada à portuguesa.

Porto Vivo sorteia primeiros apartamentos na Rua das Flores

Entre os 150 inscritos no sorteio para seis T2 destacam-se os casais jovens, com uma média de 30 anos de idade. *Porto Vivo* garante que os preços não diminuíram procura e que tem 400 inscritos em lista de espera por uma casa na Baixa. Por Natália Faria (textos) e Ana Luisa Silva (fotos)

Quanto vale viver num apartamento respeitador da traça antiga mas dotado das novas tecnologias, situado no coração do Porto? E se esse apartamento, apesar de T2, se localizar entre o Douro e os Aliados e tiver terraço com vista para a Sé Catedral? Cento e 45 mil euros é caro? “Um autêntico absurdo”, insurge-se Ricardo Fontes, um dos participantes do blogue *A Baixa do Porto*. “Muito mais barato do que um apartamento nas Antas ou na Prelada”, contrapõe Rui Quelhas, da *Porto Vivo*, que sorteia esta tarde os primeiros seis apartamentos postos à venda pela Sociedade de Reabilitação Urbana.

O facto é que há 150 inscritos que não se importaram de pagar uma caução de cem euros para se habilitarem a viver num dos seis apartamentos, localizados nos números 150 e 160 da Rua das Flores. É tida como a mais tripeira das ruas e preserva a memória do tempo em que o centro do Porto era habitado por burgueses e ingleses de estirpe.

O mesmo se pode dizer do prédio que foi recuperado pela *Porto Vivo*. Tem duas entradas independentes, unidas por uma fachada onde se manteve a inscrição Papelaria Reis – essa mesmo, onde se comercializaram quilómetros de prosa impressa – e enfeitada com ladrilhos e varandas de ferro forjado em vermelho escuro. Transposta a entrada do prédio, construído no século XVIII, uma clarabóia ilumina uma longa e encaracolada escadaria de madeira. Cada piso tem dois apartamentos T2, com aproximadamente 100 metros quadrados. Os preços variam entre os 140 e os 145 mil euros, subindo juntamente com os andares.

No último piso, a sala prolonga-se por um terraço com vista para o casario antigo e para a

Sé Catedral. “As casas de banho exteriores, típicas nos prédios antigos, passaram a lavanderia”, explica Rui Quelhas, que conduz a visita. “A ideia era ter os cheiros fora de casa e achámos bem respeitar essa arquitectura”, prossegue. As frases tropeçam no entusiasmo. “O chão é de soalho antigo, mas tem um isolamento acústico brutal. Podem pôr-se lá em cima aos pulos que não se ouve nada. Tudo isto tem um sabor muito forte. Cá é pouco comum, mas, em Paris, vêem-se toneladas de casas assim”.

As portas são as originais e as portadas de madeira, o pé-direito mede 3,20 metros, alguns tectos mantêm ornamentos em gesso, as casas foram dotadas de sistema anti-sísmico e equipadas com tomadas de ligação à Internet ADSL. Dispõem de consolas de controlo, através de sistema *wireless*, com detectores de intrusão, presença, fuga de gás e inundação.

A caixa das escadas permitia instalar elevador, mas Rui Quelhas opôs-se à ideia. “Ja adulterar a estrutura dos prédios que fazem parte da vida na Baixa; prédios familiares”, sustenta. “Esta casa é para clientes específicos, que abdicam facilmente de elevador”, acrescenta,

A FRASE

“Os primeiros habitantes da Baixa vão ter que ser jovens e com algum poder de compra. Só assim conseguiremos fazer a reconversão social da Baixa.”

RUI QUELHAS, Porto Vivo

tratando de desfazer ilusões: “Os primeiros habitantes da Baixa vão ter que ser jovens e com algum poder de compra. Só assim conseguiremos fazer a reconversão social da Baixa e criar emprego para uma população que vive dramas muito profundos, enraizados por décadas. Há aqui gente, sem grandes qualificações profissionais, que pode trabalhar como sapateiro ou engraxador, empregadas de limpeza, seguranças... E para isso temos que pôr aqui a viver quem contrate esses serviços”.

Quelhas nota que, entre os 150 inscritos, destacam-se os casais jovens, da classe média, com cerca de 30 anos de idade. Com poder de compra? “Não necessariamente: os preços aqui variam entre os 270 e os 280 contos por metro quadrado. Quem acha isto caro, o que dirá da Asprela, onde o preço é de 450 contos por metro quadrado? E nas Antas também estão a 450 contos...”, reage o responsável da *Porto Vivo*, em jeito de resposta a quem acusa a sociedade de estar a alimentar a especulação imobiliária.

“Os prédios não têm garagem, mas cada apartamento dá direito a estacionamento gratuito, 365 dias por ano, 24 horas por dia, no parque da Praça do Infante. É um cartão válido por três anos, que será o tempo suficiente para criar estacionamento mais próximo, nas Cardosas e nos Aliados”, explica, insistindo na ideia de que a reabilitação da Baixa não pode ceder “à ditadura do automóvel”. A Rua das Flores, aliás, vai ser reperfilada: crescem os passeios e diminui a faixa de rodagem. “Esta é a rua mais plana da zona histórica e com imensas potencialidades, o que fizemos foi dar o mote para que elas comesçassem a notar-se”, conclui. ■



A mais portuense das ruas

Famosa pela concentração de lojas comerciais, a Rua das Flores vincou-se no imaginário da cidade por um crime digno dos enredos de Agatha Christie. Em 1890, Vicente Urbino de Freitas, catedrático da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, ensaia uma série de envenenamentos para garantir que os bens da família da mulher lhe iriam parar às mãos. Em Março daquele ano, Vicente endereça à família da mulher uma encomenda, de remetente desconhecido, contendo caixas de amêndoas e um bolo de chocolate e coco. A ingestão das iguarias deixa indispostos vários membros da família e, chamado a prestar assistência médica, Vicente administra-lhes um clister ao qual adicionou uma substância tóxica. Um dos rapazes morre e, descoberto o crime, o médico é condenado ao

degredo em terras africanas. São histórias bem presentes na memória dos comerciantes que por ali teimam no negócio. O alfarabista “Chaminé da Mota”, defronte da Misericórdia cuja igreja mantém a fachada setecentista de Nicolau Nasoni, é um deles. Aventure-se e ele saberá falar-lhe de como o próprio Camilo Castelo Branco estava ligado a esta rua, onde arranca o enredo de *A Filha do Arcebispo*. E de como, entre 1714 e 1822, por ali descia o cortejo dos condenados que, vindos da Cadeia da Relação, iam à Ribeira para o enforcamento. E o nome, de onde vem? Diz-se que das flores que atapetavam os campos e as hortas que ali existiam, antes de a rua ser cortada, para ligar o Largo de São Domingos e a Porta dos Carros, por ordem de D. Manuel I, em 1521.